

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Jonathan Willmer de Andrade Duarte

**SOBRE O CONCEITO MARXIANO DE TRABALHO ABSTRATO E ALGUNS DESENVOLVIMENTOS  
TEÓRICOS CONTEMPORÂNEOS**

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso). Orientador: Luiz Antonio da Silva Peixoto

Juiz de Fora  
2023

- **DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO**

Eu, **Jonathan Willmer de Andrade Duarte**, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 201673111A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **SOBRE O CONCEITO MARXIANO DE TRABALHO ABSTRATO E ALGUNS DESENVOLVIMENTOS TEÓRICOS CONTEMPORÂNEOS**, desenvolvido durante o período de 13/03/2023 a 06/07/2023 sob a orientação de Luiz Antonio da Silva Peixoto, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, 11 de novembro de 2023.

---

**Jonathan Willmer de Andrade Duarte**

**Marcar abaixo, caso se aplique:**

Solicito aguardar o período de ( ) 1 ano, ou ( ) 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

OBSERVAÇÃO: esta declaração deve ser preenchida, impressa e assinada pelo aluno autor do TCC e inserido após a capa da versão final impressa do TCC a ser entregue na Coordenação do Bacharelado Interdisciplinar de Ciências Humanas.

# SOBRE O CONCEITO MARXIANO DE TRABALHO ABSTRATO E ALGUNS DESENVOLVIMENTOS TEÓRICOS CONTEMPORÂNEOS

Jonathan Willmer de Andrade Duarte

## RESUMO

Este trabalho toma como ponto de partida a definição da categoria de trabalho abstrato segundo a obra tardia de Marx para delimitar a base conceitual a partir da qual foram realizados desenvolvimentos teóricos contemporâneos que dão a esse conceito uma nova dimensão de análise. Em seguida, é delineada a concepção de Moishe Postone, segundo a qual o trabalho abstrato, como forma objetivada universal que os conteúdos concretos dos diferentes trabalhos individuais devem tomar, funciona enquanto categoria fundamental de mediação das relações sociais entre os indivíduos na moderna sociedade capitalista. Isto posto, é possível então discorrer sobre como esse mecanismo de transformação do conteúdo concreto em forma abstrata se coloca estruturalmente a nível global como um “sujeito automático”, uma matriz mecânica e autônoma de relações reificada na subjetividade dos indivíduos socializados nessa formação social. Esse “sujeito automático” constitui um sistema que existe com o objetivo máximo de sua própria reprodução ampliada e que, por isso, não pode ser explicado com base em interesses individuais ou de classe, pois é uma estrutura social que coloca sua própria demanda, abstrata e mecânica, acima da vontade de qualquer sujeito ou grupo. Como apontam os prognósticos científicos a respeito das condições ecológicas do planeta, essa reprodução *ad infinitum* do capital, por se basear numa forma abstrata, não tem qualquer apreço ou preocupação pelas condições materiais necessárias para a continuidade da vida humana, o que, ao que tudo indica, resultará em consequências catastróficas para a existência coletiva da espécie.

Palavras-chave: Marx, trabalho abstrato, sujeito automático, destruição.

## INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como objeto de análise o conceito marxiano de trabalho abstrato sob a luz de alguns desenvolvimentos teóricos contemporâneos realizados a partir desse ponto central da teoria social de Marx. Com isso, pretende-se elucidar algumas características desse conceito que já se encontravam no edifício teórico do alemão, mas que passaram ao largo de boa parte da tradição marxista de estudos subsequentes sobre a teoria marxiana do valor, bem como alguns desenvolvimentos teóricos mais recentes que tomam como base essa conceituação desenvolvida por Marx.

Para falar do desdobramento conceitual da categoria trabalho abstrato segundo alguns autores contemporâneos, primeiro é necessário rememorar brevemente, de acordo como próprio Marx, a formulação do conceito como parte da dupla função do trabalho no capitalismo. Tal conceito só aparece plenamente desenvolvido, no contexto da trajetória intelectual do alemão, em sua fase madura, principalmente n’*O Capital*.

Estando delineada a oposição entre a forma abstrata e o conteúdo concreto, é possível progredir com o estudo, demonstrando como essa forma abstrata objetivada está na base da relação social no capitalismo, atuando como mediadora entre os diferentes trabalhos para que estes possam ser trocados entre si. O trabalho abstrato, portanto, está no cerne da interdependência dos produtores privados que caracteriza a produção material na modernidade capitalista. Ou seja, para que possam ser trocados no mercado, o que é uma necessidade estrutural do capitalismo tendo em conta que os produtores privados produzem não para consumo próprio mas diretamente para a venda, tanto os produtos do trabalho quanto a própria força de trabalho (esta também um produto) devem assumir essa objetividade fantasmática do valor que somente se manifesta no dinheiro.

Em seguida, podemos demonstrar que essa interdependência objetiva entre os produtores privados constitui um sistema de dominação das pessoas pelo processo produtivo como um todo. Todos, sejam eles trabalhadores ou detentores dos meios de produção, precisam necessariamente atuar igualmente nesse sistema tanto como compradores quanto como vendedores. O trabalho tem esse caráter independente apenas na modernidade capitalista. De acordo com os autores expostos aqui, essa forma de dominação característica da sociedade produtora

de mercadorias moderna difere das formas de dominação pré-capitalistas pois parte do pressuposto da igualdade formal entre os produtores. Em sociedades prévias, ao invés de “colonizar” todas as esferas da sociedade, ele estava circunscrito sob dinâmicas culturais e/ou religiosas específicas de cada configuração social que delimitavam claramente a sua esfera. Nessas formações sociais pré-capitalistas, então, o trabalho não se objetivava em uma generalidade social abstrata necessária a todos, mas sim era regulado de acordo com mandamentos externos ao seu processo.

Posteriormente, é delineado como esse processo social capitalista de autonomização e objetivação do trabalho abstrato ocorre guiado por um “sujeito automático” estrutural que, longe de ser o produto da subjetividade de um indivíduo ou classe, é ele próprio o formador dessas subjetividades enquanto participantes necessários dessa relação social fetichizada que define a moderna sociedade produtora de mercadorias, da qual dependem os indivíduos para reproduzir suas vidas. Esse sistema “automático” se coloca, então, para além da vontade dos homens individuais e, por isso, tem demandas muito diferentes das que poderiam ter uma pessoa ou um grupo. A mais importante delas, e da qual todas as outras derivam, é a demanda pela própria demanda, ou seja, a reprodução em si do capital *ad infinitum*.

A partir deste processo, no entanto, é possível caracterizar como esse sujeito automático que existe em função da reprodução infinita se defronta com a eminentemente finita disponibilidade material de recursos naturais do planeta. O processo capitalista global é, portanto, inseparável do desenvolvimento de sua crise estrutural. Tal crise, cujo resultado material tem tudo para ser catastrófico para a reprodução da vida humana, já estava delineada desde o princípio na estrutura básica da reprodução do capital, em que os capitalistas em conjunto são impulsionados para revolucionar permanentemente os meios de produção com o objetivo de ampliar a produção. De acordo com os prognósticos que, aparentemente, não são nada favoráveis à reprodução da vida humana, é possível apontar sérias consequências para o ambiente ecológico como resultado desse choque da forma abstrata do processo global de valorização do valor, que tem por objetivo o seu próprio movimento ininterrupto, com a finitude material do conteúdo que é necessário para tal reprodução.

## **1. Sobre o conceito de trabalho abstrato na obra de Marx**

Em seus anos de juventude, Marx ainda não compreendia o trabalho sob a visão dupla que ele mais tarde desenvolveria n’*O Capital*. No entanto, já nos *Grundrisse*, um dos tomos escritos por Marx na preparação d’*O Capital*, a perspectiva marxiana sobre o trabalho demonstrava diferenças quanto aos escritos da juventude (MIGUEL CARDOSO, 2018). Em diversos momentos do texto, Marx hesita perante posições que saltam aos olhos como aparentemente contraditórias. Quanto à abstração “trabalho”, ele afirma possuir uma validade histórica até para sociedades antigas. Ao mesmo tempo, afirma que essa abstração é produto de relações historicamente determinadas.

(...) a abstração mais simples, que a Economia moderna coloca no primeiro plano e que exprime uma relação muito antiga e válida para todas as formas de sociedade, tal abstração só aparece verdadeira na prática como categoria da sociedade mais moderna (...) Esse exemplo do trabalho mostra com clareza como as próprias categorias mais abstratas, apesar de sua validade para todas as épocas – justamente por causa de sua abstração –, na determinabilidade dessa própria abstração, são igualmente produto de relações históricas e têm sua plena validade só para essas relações e no interior delas. (MARX, 2011, p.57-58)

Pouco tempo depois, em *Para a Crítica da Economia Política* e posteriormente n'*O Capital*, a concepção dupla do trabalho é apresentada por Marx em sua relação com o caráter duplo da forma mercadoria (dividida em valor de uso e valor). A cisão conceitual a respeito do conceito de trabalho é delineada logo nas primeiras páginas do capítulo 1 d'*O Capital*. Nelas, Marx postula que o trabalho seja compreendido, na sociedade produtora de mercadorias, sob dois pólos ou dimensões. O trabalho concreto é concebido como o pólo material/físico do trabalho, englobando a atividade produtiva específica realizada para gerar um valor de uso. Em seus termos :

Como criador de valores de uso, como trabalho útil, o trabalho é, assim, uma condição de existência do homem, independente de todas as formas sociais, eterna necessidade natural de mediação do metabolismo entre homem e natureza e, portanto, da vida humana. (MARX, 2013, p.120)

Essa relação de "metabolismo entre homem e natureza" é apresentada como uma forma de atividade que não se limita ao modo de produção capitalista. Com esse desenvolvimento teórico, Marx chega ao entendimento do trabalho concreto em um nível transhistórico e/ou ontológico como produtor de valores de uso e, portanto, válido para todas as formas de sociedade.

Ao mesmo tempo, Marx desenvolve a concepção de trabalho abstrato como substância do valor. Segundo ele, aos olhos do processo de produção do capital, não importa o tipo de atividade concreta e específica que o trabalhador individual realize. Todos os trabalhos são vistos, do ponto de vista do processo global de valorização do valor, como expressões quantitativamente diferentes da mesma qualidade (força de trabalho sendo gasta por um determinado período de tempo). Essa abstração da qualidade específica de cada trabalho concreto é operada a nível estrutural na sociedade, atuando como parte de um sistema de "dominação das pessoas pela produção" (POSTONE,2014,p.125). Essa dominação, como veremos adiante, se coloca para além da dominação de uma classe por outra.

O produto não é mais uma mesa, uma casa, um fio ou qualquer outra coisa útil. Todas as suas qualidades sensíveis foram apagadas. E também já não é mais o produto do carpinteiro, do pedreiro, do fiandeiro ou de qualquer outro trabalho produtivo determinado. Com o caráter útil dos produtos do trabalho desaparece o caráter útil dos trabalhos neles representados e, portanto, também as diferentes formas concretas desses trabalhos, que não mais se distinguem uns dos outros, sendo todos reduzidos a trabalho humano igual, a trabalho humano abstrato (MARX, 2013, p.113)

A concepção de trabalho na obra tardia de Marx, portanto, apresenta uma cisão conceitual entre um polo ou *conteúdo concreto* e um polo ou *forma abstrata*. É importante ressaltar que não se tratam de dois processos de trabalho diferentes, ou de um processo que começa concreto para posteriormente se tornar abstrato quando a mercadoria entra no mercado. Assim como a forma e o conteúdo não podem existir separadamente, no capitalismo todo processo de trabalho é, ao mesmo tempo, abstrato e concreto<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> É digno de nota mencionar que, na tradição marxista, diversos nomes tratam a questão de forma diferente, postulando uma cisão em que o trabalho concreto ocorre na produção enquanto o trabalho abstrato somente entraria em jogo no momento da circulação ou troca, mas um debate com tais autores se estenderia para além do escopo deste trabalho. Para uma análise detalhada da questão, ver em Robert Kurz - **A Substância do Capital**, cap. 6 - *O trabalho abstracto e o valor como apriori social*.

## 2. Trabalho abstrato como mediação social

*Não basta libertarmo-nos da "classe dos capitalistas", temos de libertar-nos da relação social capitalista (JAPPE, 2019)*

Essa frase é o suficiente para captar inicialmente o cerne teórico da assim chamada Nova Crítica do Valor. Dentro da vasta literatura sobre a obra de Marx, surgiu nas últimas décadas uma nova interpretação a respeito dos conceitos fundamentais da teoria marxiana do valor que realiza reparos críticos em relação à tradição já estabelecida e seguida pela maioria dos partidos e organizações operárias (o chamado "marxismo tradicional", por um dos autores). Essa nova leitura consiste em reforçar o caráter de crítica negativa da obra marxiana em relação aos conceitos centrais da economia política do capitalismo, os quais são apresentados aqui como algo a ser superado como um produto histórico da modernidade produtora de mercadorias.

Como relata Jappe, os germes dessa interpretação já estavam lançados pelos idos da década de 1920, com o *História e Consciência de Classe* de Lukács e o trabalho de Isaak Rubin. Ao longo do século XX, "desenvolvimentos" teóricos (não-lineares, é válido dizer) foram ocorrendo que deram por fim em autores de diferentes lugares chegando a conclusões bem semelhantes, ainda que alguma pequena discordância exista entre eles. Tanto o grupo Krisis da Alemanha, encabeçado por Robert Kurz, quanto o canadense Moishe Postone alcançaram um entendimento crítico a respeito da teoria do valor marxiana que realiza um resgate do potencial negativo que a obra de Marx possui, confrontando-a com a interpretação feita dela por boa parte da tradição nomeadamente marxista.

A análise de Postone tem como pilar a concepção do trabalho abstrato enquanto polo historicamente específico do trabalho no capitalismo, e indica tal conceito como cerne da teoria marxiana do valor. A partir disso, Postone contribui com desenvolvimentos teóricos que permitem uma compreensão desse conceito que vai além de uma mera repetição daquilo que se encontra na obra de Marx, dando uma nova dimensão analítica para o trabalho abstrato e seus desdobramentos enquanto relação social fundamental.

Como demonstra o canadense, a própria definição do trabalho abstrato exposta por Marx n'O Capital não deixa de ter suas peculiaridades teóricas. Ao mesmo tempo em que Marx define o trabalho abstrato enquanto substrato social, ele também o descreve como "um dispêndio produtivo de cérebro, músculos, nervos, mãos, etc." o que abre espaço para uma definição fisiológica e/ou biológica que Postone reprova.<sup>2</sup>

Contrário a essa definição supostamente biologizante, Postone concebe o trabalho abstrato, assim como os demais conceitos centrais da teoria marxiana do valor, enquanto forma historicamente específica de relação social que, através da reificação, aparece como necessária e transhistórica. É somente esse caráter histórico das categorias fundamentais da relação capitalista moderna (mercadoria, valor, capital) que permite a abertura da possibilidade de sua superação. Caso essas categorias como valor e trabalho fossem realmente válidas para todas as sociedades, como postula certa tradição marxista, a possibilidade de transformação da sociedade estaria limitada a mudanças no nível da circulação daquilo que é produzido socialmente de acordo com as estruturas formais dessas categorias.

Portanto, fugindo de interpretações que afirmam a validade analítica de categorias da teoria do valor de Marx para analisar sociedade pré-capitalistas, o canadense reforça o caráter histórico da crítica marxiana enquanto crítica da sociedade em que a produção de mercadorias é a forma generalizada de produção material, ou seja, a sociedade capitalista moderna. Esse estado generalizado de produção e troca de mercadorias engendra um mecanismo social de aparente independência pessoal, ao nível do produtor individual, mas que implica numa interdependência objetiva de todos os produtores para com o sistema.

---

<sup>2</sup> Esse argumento, no entanto, é rechaçado por Robert Kurz, que demonstrou reservas quanto a essa caracterização da formulação deixada por Marx. Mais sobre esse assunto em KURZ, Robert. **A Substância do Capital**, cap. 3 - *O conceito negativo de substância do trabalho abstracto na crítica da economia política de Marx*.

Uma sociedade em que a mercadoria é a forma geral do produto e, portanto, valor é a forma geral de riqueza, caracteriza-se por uma forma única de interdependência social - as pessoas não consomem o que produzem, mas produzem e trocam mercadorias para adquirirem outras mercadorias. (POSTONE, 2014, p.174)

A moderna sociedade produtora de mercadorias, portanto, desenvolve uma interdependência entre os produtores individuais jamais alcançada na sociedade humana. Essa constante necessidade de manter-se em relação com os outros produtores através do mercado, seja para obter mercadorias as quais o indivíduo não produz, seja para vender a única mercadoria que lhe pertence (sua força de trabalho), constitui um grau de dependência objetiva que existe ao lado da independência a nível pessoal. Aos olhos do trabalhador singular, pode muito bem parecer verdade o discurso de que são todos livres e independentes (embora cada vez mais seja necessária uma dose homérica de ideologia para fazer com que os trabalhadores engulam esse discurso), porque para ele não está aparente a interminável teia de relações interdependentes que os produtores estabelecem entre si, e que, longe de ser o produto da vontade de um grupo de indivíduos, paira sobre suas cabeças como um marionetista, afirmando seu controle cego e irracional sobre os rumos dessa formação social..

Essa interdependência estrutural entre os diversos trabalhadores ocorre através do trabalho de forma peculiar. Embora o trabalhador não consuma diretamente os produtos que ele produz, é através destes que ele obtém, por meio do mercado, os objetos de consumo necessários para sua reprodução. Nessa estrutura social, o trabalho portanto passa a ter uma dupla função: ao mesmo tempo em que é particular e criador de um bem específico para outros, ele é o meio pelo qual o trabalhador obtém os produtos dos outros. A criação de uma “forma pura” de trabalho, desprovida de qualquer característica material que lhe é peculiar, é uma necessidade do sistema para que tais trabalhos individuais, variando agora apenas em termos de quantidade, possam ser medidos e trocados.

Em uma sociedade determinada por mercadoria, as objetivações do trabalho de alguém são meios pelos quais se adquire bens produzidos por outros; trabalha-se para poder adquirir outros produtos. Os produtos próprios servem a outra pessoa como um bem, um valor de uso; servem ao produtor como um meio para adquirir produtos do trabalho de outros. É nesse sentido que o produto é uma mercadoria: ele é simultaneamente um valor de uso para um outro e um meio de troca para o produtor (POSTONE, 2014, p.175)

Essa forma abstrata do trabalho, independente de conteúdo específico, é que permite a troca do trabalho individual do trabalhador por objetos necessários que ele não produz.<sup>3</sup> O trabalho abstrato, enquanto substância do valor, se torna então uma categoria de *mediação social*. Ele existe enquanto forma objetivada que o trabalho concreto deve tomar para poder se tornar mercadoria. Essa abstração quanto à especificidade concreta do trabalho está na base da relação de valor, que apaga características individuais e iguala todos os trabalhos na “geleia fantasmagórica” de valor que varia apenas quantitativamente.

---

<sup>3</sup> É digno de nota mencionar o papel do processo de acumulação primitiva descrito por Marx no capítulo 24 d'O Capital no estabelecimento desse sistema. Com a expropriação originária dos meios de produção, não restou nenhuma forma de subsistência para os trabalhadores senão a venda de sua força de trabalho para outrem no mercado. Caracteriza-se assim, portanto, uma dupla dependência do trabalhador para com os ditames do mercado. Por um lado, ele está submetido às demandas por trabalho de acordo com a necessidade do capitalista, estando sujeito às regulamentações e sob ameaça constante de demissão. Por outro lado, ele está limitado à disponibilidade do mercado para atender até suas mais básicas necessidades, estando sujeito a flutuações de preço e de disponibilidade.

O trabalho então se torna, sob a forma de seu produto, o mediador necessário pelo qual as pessoas atendem suas necessidades na sociedade capitalista. É dessa forma que, como dito anteriormente, as pessoas são dominadas pela estrutura de produção. Ao invés de produzir para consumo próprio e trocar o excedente, no capitalismo, o trabalhador deve produzir primeiramente para a troca, para só depois obter, via mercado, os itens necessários para sua reprodução.

Nossos possuidores de mercadorias descobrem, assim, que a mesma divisão do trabalho que os transforma em produtores privados independentes também torna independentes deles o processo social de produção e suas relações nesse processo, e que a independência das pessoas umas das outras se consome num sistema de dependência material e universal. (MARX, O Capital, p.182)

É com isso em mente que podemos falar sobre uma dependência objetiva para com o trabalho na modernidade capitalista. O trabalhador se encontra subjugado pelo seu processo de produção, do qual ele é apenas uma engrenagem (ainda que seja a mais importante, pois é a única que acrescenta mais-valor ao produto). Ele próprio necessariamente atua como comprador, adquirindo itens para manter sua reprodução, e como vendedor, disponibilizando a si mesmo no mercado como uma mercadoria, a força de trabalho. Ao invés de relações entre pessoas, no capitalismo vemos a relação fetichizada entre as coisas que, como apontou Marx no subcapítulo sobre o fetichismo da mercadoria, aparentam ter vida própria, independente dos homens, os quais eles mesmos aparecem como coisas a serem compradas.

Quanto a esses homens, pouco importa o trabalho concreto específico que estão fazendo. Sejam eles marceneiros, professores, pedreiros, profissionais do sexo, ou qualquer outra atividade remunerada nessa formação social. Para o Sujeito automático do Capital, todos esses trabalhos qualitativamente diferentes se igualam, sendo traduzidos em uma mera fantasmagoria quantitativa, apenas um número, agora já desprovido de todas as características que são peculiares do ato de trabalho e que diferenciam os diversos trabalhos uns dos outros. Aos olhos da sociedade do Capital, todos os homens são iguais pois todos podem ter suas horas de dispêndio de energia, por mais diferentes que sejam as condições desse dispêndio, representadas em uma mesma forma abstrata quantificável, o valor (que por sua vez só consegue tomar corpo através do dinheiro).

### **3. Trabalho abstrato: fetichismo, dominação e destruição**

Rompendo com boa parte da tradição de estudos sobre a teoria do valor que concebe de forma trans histórica o trabalho, Moishe Postone, Robert Kurz, Anselm Jappe, entre outros, demonstram uma concepção que compreende como contradição principal do capitalismo a própria forma do trabalho no capitalismo. Para eles, a característica histórica específica da modernidade capitalista é o fato de que as inúmeras atividades produtivas diferentes realizadas pelos indivíduos devem, necessariamente, levar a mesma classificação abstrata e universal de trabalho e assumir uma forma objetiva independente do trabalhador, que então possa ser quantificada temporalmente e monetariamente

É justamente aqui que o caráter duplo do conceito de trabalho na obra madura de Marx é fundamental para a compreensão de como se dá esse processo. Na sociedade capitalista, o trabalhador percebe o produto do seu trabalho sob dois aspectos: a princípio, o produto é apenas um valor de uso, algo produzido para atender alguma necessidade; no entanto, ao mesmo tempo, ele é valor, uma substância quantificada abstratamente em relação ao tempo médio socialmente necessário para a sua produção na sociedade. O mesmo acontece com o seu trabalho, que por um lado é concreto, específico, atividade individual; mas, por outro lado, é abstrato, vazio quanto a seu conteúdo material específico aos olhos do mecanismo social de valorização do valor, importando apenas quantitativamente. Só



que ambos os lados não estão em pé de igualdade. A abstração do valor é que coloca em movimento os trabalhos concretos, diferenciando-os apenas em relação à taxa de lucro realizada em cada um deles.

Uma vez transcorrido o processo produtivo - o "trabalho" -, este deixa de existir. Dizer que o trabalho do marceneiro está "na" mesa que ele fez é de facto uma pura ficção, uma convenção social. Nenhuma análise química da mesa poderá encontrar nela o "trabalho" que a criou. Trata-se de uma projecção humana, se a mesa depois da sua produção é ainda considerada como expressão de algo que deixou de existir. A "lei do valor" é fetichismo porque significa que a sociedade, toda ela, empresta aos objectos uma qualidade imaginária. Acreditar que as mercadorias "contêm" trabalho é uma ficção aceite por todos os membros da sociedade mercantil. (JAPPE, 2006, p.215-216)

Esse processo de transformação do trabalho em valor, que culmina na dominação das pessoas pela produção, está na base daquilo que Marx denominou de fetichismo. A sociedade com base no fetiche da mercadoria é, portanto, uma sociedade invertida, na qual o concreto é determinado e dominado pelo abstrato, o qual por sua vez não existiria sem o concreto. A analogia feita no fim do primeiro capítulo d'O Capital tem sua validade atestada a cada dia que passa. Assim como os deuses que, apesar de serem criações míticas dos seres humanos, passam a ter influência efetiva na realidade conforme são tratados como reais, as mercadorias só possuem valor pois assim acreditam os homens, e que por causa disso seguem produzindo-as e trocando-as. Diferente dos deuses, os quais existiam numa transcendência extraterrena em relação aos fieis, o valor existe enquanto Absoluto imanente que, embora seja terreno, é imaterial, incorpóreo, e por isso só pode tomar forma através de sua aparência necessária: o dinheiro. (KURZ, 2004)

O paradoxo da abstracção real consiste em que a abstracção, em si não física/material/corpórea, a coisa do pensamento, ou por outra, um produto da cabeça socialmente objectivado como projecção fetichista, se apresenta ainda assim como uma relação social real e uma objectividade física real, nomeadamente em objectos que em si não são abstractos, mas que são tornados objectos realmente abstractos pelo mecanismo de projecção social. (KURZ, 2004, cap.2)

Dito isto, o movimento de abstracção das características particulares do trabalho não é um processo de abstracção puramente ideal realizado pelos indivíduos. Essa projecção descrita por Jappe e Kurz atua como uma abstracção real a nível estrutural da sociedade, estando enraizada instrumentalmente nas práticas da modernidade capitalista e, por isso, mediando a reprodução social real. Temos aqui novamente a inversão fetichista entre o abstrato e o concreto, em que objetos reais, que atendem necessidades materiais igualmente reais, são convertidos nesse *hieróglifo social* abstrato que é necessário para que o produto encontre o seu consumidor.

"Eles não sabem disso, mas o fazem", é o que diz Marx no primeiro capítulo d'O Capital. O fato mais importante dessa formulação não é necessariamente que os trabalhadores não sabem, mas sim o imperativo de que continuem fazendo. Assim como numa sociedade regida sob o mandamento religioso podem existir indivíduos que (a nível pessoal) sejam descrentes quanto à religião dominante sem que isso perturbe o funcionamento estrutural orientado pelo suposto divino transcendente, na sociedade regida pelo princípio imanente do Capital os indivíduos podem muito bem reconhecer subjetivamente o absurdo desse processo de redução de toda atividade a um mesmo denominador sem que esse funcionamento seja afetado.

A descoberta científica tardia de que os produtos do trabalho, como valores, são meras expressões materiais do trabalho humano despendido em sua produção fez época na história do desenvolvimento da humanidade, mas de modo algum elimina a aparência objetiva do caráter social do trabalho. O que é válido apenas para essa forma particular de produção, a produção de mercadorias - isto é, o fato de que o caráter especificamente social dos trabalhos privados, independentes entre si, consiste em sua igualdade como trabalho humano e assume a forma do caráter de valor dos produtos do trabalho -, continua a aparecer, para aqueles que se encontram no interior das relações de produção das mercadorias, como algo definitivo, mesmo depois daquela descoberta, do mesmo modo como a decomposição científica do ar em seus elementos deixou intacta a forma do ar como forma física corpórea. (MARX, 2013, p.149)

Sendo assim, esta “ficção” que descreve Jappe não pode ser superada ao nível da consciência individual. Não é simplesmente uma crença inventada do senso comum que é passível de ser “iluminada” por uma elite intelectual. É uma abstração real que funciona como base de toda a atividade produtiva da sociedade moderna. Essa forma social está reificada na subjetividade dos homens de modo a formar uma “segunda natureza” (LUKÁCS, 2003) tão logo esses indivíduos sejam socializados na modernidade capitalista. A reprodução dessa relação social capitalista caracteriza o que Postone descreve como dominação impessoal e abstrata. Impessoal, por não ser o produto da vontade consciente de apenas um indivíduo ou classe. Abstrata pois, entre outras características, a respeito das mercadorias “nem um átomo de matéria natural integra a objectividade do seu valor” (MARX, 2013) A reificação estrutural da relação de valor na subjetividade dos indivíduos constitui, portanto, um nível de dominação qualitativamente diferente da dominação de uma classe por outra. Os trabalhadores não se submetem aos padrões individuais, mas à estrutura forma-valor, uma matriz de relações interdependentes e aparentemente objetivas que realiza a quantificação (do trabalho abstrato) necessária para que o circuito de valorização do valor, ao qual os padrões estão tão sujeitos quanto eles, possa ocorrer. O marxismo tradicional não alcança a compreensão de que as classes sociais, longe de serem os atores principais da modernidade capitalista, são apenas os representantes sociais desse processo de valorização do valor que ocorre “por trás de seus olhos e por cima de suas cabeças”.<sup>4</sup>

O processo autônomo e cego de valorização do valor atua, então, como um sujeito automático (uma formulação já apresentada por Marx e retomada como central pelos autores aqui expostos). Para esse movimento de “reacoplagem cibernética do valor a si mesmo” (EXIT, 2007), como dito anteriormente, a materialidade, seja ela da natureza, seja do trabalho concreto, importa muito pouco frente à abstração da reprodução incessante do capital. Porém, a produção infinita de mercadorias esbarra numa condição material bem finita de disposição dos recursos naturais, o que pode acarretar em resultados catastróficos para a reprodução da vida humana no planeta.

O "sujeito automático" do moderno sistema produtor de mercadorias não é a razão humana libertada, mas sim o paradoxo de uma "transcendência imanente" em processamento cego na forma da abstração valor, o qual permanece para além das necessidades humanas e para além do mundo físico, mas que transformou, contudo, estas necessidades e este mundo em material exterior a si. Aqui está incluída uma nova qualidade de força

---

<sup>4</sup> Não que algum dos autores citados negue a existência ou importância da relação de classe no capitalismo. Mas, segundo eles, a dominação de classe não é o âmbito central da dominação na formação social capitalista.

destrutiva, que ultrapassa todas as potências autodestruidoras das anteriores formações de fetiche (Grupo EXIT, 2007)

Este impulso para a destruição, longe de ser produto da má índole de alguns poucos entre os mais ricos homens do planeta, está enraizado no próprio movimento do conceito de capital enquanto dinheiro que gera mais-dinheiro. Basta seguir o caminho que faz esse dinheiro desde o primeiro momento em que é investido na produção com o objetivo de lhe retirar um lucro. O gasto inicial com os insumos, maquinários e mão de obra necessários para pôr em prática a produção retorna com um adicional. O “bom” capitalista rapidamente reinveste esse lucro no próprio processo de produção, com o objetivo de aumentar a produtividade e poder produzir mais com menos, e assim sucessivamente.

Nesse ciclo imaginário básico já está delineada a crise sistêmica que se avizinha. O estabelecimento do capitalismo enquanto sistema global não seria possível sem o desenvolvimento constante de novas tecnologias e o estabelecimento da grande indústria. Como já demonstraram Adorno e Horkheimer em seu célebre *O Conceito de Esclarecimento*, o progresso científico constante e a dominação capitalista caminham lado a lado, um alimentando o outro. Os homens, tanto os que detêm as máquinas quanto os que as operam, estão todos submetidos a essa automática e irracional pulsão de morte capitalista. Essa evolução tecnológica permitiu, entre outras coisas, a dominação da natureza com o intuito de proteger o sistema de qualquer eventualidade que pudesse ameaçar o seu funcionamento. Paradoxalmente, esse caráter dinâmico da sociedade capitalista, que encontra-se sempre em processo de revolucionamento técnico, é que tornou possível o estabelecimento da sociedade produtora de mercadorias globalmente durante tanto tempo. Mas, com o progressivo desenvolvimento do aparato produtivo que ocorre a nível global devido à competição entre os produtores, cada vez menos trabalho humano é necessário para a produção de quantidades cada vez maiores de mercadorias.

É precisamente porque os ganhos de produtividade só aumentam a mais-valia indirectamente que é preciso fazer crescer continuamente essa produtividade. O mundo concreto, todo ele, vê-se assim consumido a pouco e pouco para que seja conservada a forma valor. Na sociedade baseada no valor, a produtividade acrescida do trabalho transforma-se numa calamidade porque é a razão profunda da crise ecológica. Trata-se de uma manifestação da oposição entre forma abstracta e conteúdo concreto que atravessa toda a história do capitalismo. (JAPPE, 2006, p.139)

Estamos de volta, portanto, a essa oposição entre forma abstracta e conteúdo concreto com a qual iniciamos este estudo. A crise estrutural na qual se encontra a atual formação social já estava circunscrita em suas formas econômicas primárias. Nesse estágio, a forma abstracta que demanda crescimento infinito choca-se com a finitude do conteúdo concreto que lhe é necessário. O impulso autofágico de aumentar a produção de mais-valor através do aumento do capital fixo frente ao capital variável resulta numa ainda maior coleção de mercadorias que, devido ao desemprego em massa criado por esse mesmo processo, não possuem consumidores suficientes. Somado ao cataclisma ecológico, é inescapável o fato de que, com o crescimento exponencial da composição orgânica do capital, o emprego de milhões de pessoas tornou-se ou se tornará no futuro, supérfluo. Ao que tudo indica, o conjunto de um impulso irrefreável de reprodução com um mundo finito de recursos, somente poderia resultar em catástrofe. Neste sentido, o capitalismo, enquanto sistema social baseado na extração de valor através do trabalho, cava a sua própria cova.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos concluir, então, que esse processo global de objetivação do trabalho concreto de acordo com a forma abstrata que define o capitalismo enquanto formação social se torna uma engrenagem estrutural mecanizada e autônoma que ultrapassa qualitativamente os interesses de qualquer indivíduo ou classe. Ou seja, embora seja a forma de mediação dos diferentes trabalhadores individuais entre si, a categoria de trabalho abstrato (e, conseqüentemente, a categoria valor) se torna reificada na subjetividade dos homens durante o processo de socialização dos indivíduos formados nesse meio social. Essa reificação das categorias capitalistas constitui uma estrutura produtiva a nível global que, ao invés de ser o produto consciente dos homens racionais, é ela própria a produtora irracional daquilo que eles chamam de razão (o que não é outra coisa senão a racionalidade mecânica da reprodução do capital), a qual eles seguem sem questionar como se fosse produto de sua própria vontade.

Tal sujeito automático, que orienta a produção na sociedade capitalista moderna, é guiado apenas pela necessidade incessante de expansão. No entanto, essa expansão, apesar de abstrata (enquanto circuito de valorização do valor), possui conseqüências bem concretas para a continuidade da existência coletiva da espécie humana no planeta.

Essa primazia do abstrato sob o concreto é levada a cabo até suas últimas conseqüências sob pelo menos dois aspectos. Primeiro, a tendência de crescimento do capital fixo frente ao capital variável resulta necessariamente na cada vez maior substituição de trabalhadores humanos por máquinas, o que engendra uma crise de desemprego estrutural jamais vista na moderna sociedade produtora de mercadorias. Inúmeros postos de trabalho já estão sendo transformados pela tecnologia, tornando obsoletos seus antigos ocupantes. Além disso, o impulso cego e irracional que demanda crescimento infinito se defronta com a finitude de recursos disponíveis para efetivar tal crescimento. Ainda que os pormenores da crise ecológica que se avizinha estejam para além das limitações deste trabalho, já é possível apontá-la como um dos mais devastadores resultados dessa lógica destrutiva de dominação do abstrato sob o concreto. A perspectiva catastrófica de continuidade da formação social capitalista no século XXI que vai tomando forma consiste, portanto, numa massa cada vez maior de desempregados que se tornaram supérfluos para o sistema tentando sobreviver frente a um ambiente ecológico cada vez mais esgotado por esse processo de valorização do valor.

## REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2006

JAPPE, Anselm. **As Aventuras da Mercadoria**. 1. ed. Lisboa: Antígona, 2006

Jappe, Anselm. **A Sociedade Autofágica**. 1.ed.Lisboa: Antígona, 2019

KURZ, Robert. **Substância do Capital**. in EXIT! Crise e Crítica da Sociedade da Mercadoria, 1/2004. Traduzido por Lumir Nahodil e Boaventura Antunes, disponível em <http://www.obeco-online.org/robertkurz.htm>

Grupo EXIT. **Crítica do capitalismo para o século XXI**. 2007. Disponível em [http://www.obecoonline.org/exit\\_projecto\\_teorico.htm](http://www.obecoonline.org/exit_projecto_teorico.htm)

LUKÁCS, Georg. **História e Consciência de Classe**. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003

MACHADO, Nuno Miguel Cardoso. **A aporia do conceito de trabalho em Marx: uma análise cronológica**. 2018, in Raposo, Rita et al. (Orgs.), Utopia, Anarquia e Sociedade – Escritos em Homenagem a José Maria Carvalho Ferreira. 1.ed. Coimbra: Almedina, pp. 371-403

MARX, Karl. **Grundrisse**. 1.ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2011..

MARX, KARL. **O Capital**. 1. ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013.

POSTONE, Moishe. **Tempo, Trabalho e Dominação Social**. 1.ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2014.